

GRAMSCI NO MUNDO

Gramsci in the world

Gramsci nel mondo

Gianni Fresu 1

APRESENTAÇÃO²

O número especial da revista "Práxis e Hegemonia Popular", que aqui apresentamos, deveria ter sido publicado (em versão impressa) para o III Colóquio Internacional da IGS Brasil, realizado em Goiânia entre 28 de agosto e 2 de setembro de 2022. Nas intenções da Coordenação Nacional de nossa organização, que eu presidia na época, esse dossiê deveria ser um presente para os membros da IGS, por meio do qual ofereceríamos uma revisão dos avanços internacionais dos estudos gramscianos e do crescente papel de coordenação científica e relacional, desempenhado no mundo pela IGS. Problemas organizacionais e recursos financeiros limitados à nossa disposição fizeram com que essa proposta fosse, temporariamente, arquivada e nos levaram a adiar a publicação dessa edição especial.

Como sabemos, nosso Antonio Gramsci é o autor italiano contemporâneo mais estudado e traduzido do mundo e, ampliando a visão para toda a história cultural da Itália, ele compartilha este pódio com Dante Alighieri e Niccolò Machiavelli.

Uma das razões para o interesse acadêmico em Antonio Gramsci diz respeito à atenção dada por seus estudos ao momento da direção cultural na definição das estruturas de poder de uma sociedade moderna. Trata-se de um tema absolutamente atual, pois na realidade de hoje, marcada pela onipresença dos meios de comunicação de massa e de novos veículos de divulgação de informações (internet e redes sociais) ainda mais invasivos que os tradicionais, a importância dos órgãos encarregados de moldar a opinião pública (em primeiro lugar, os grandes meios de comunicação de massa) é um fato

¹Professor de Filosofia política da Universidade de Cagliari, sócio fundador e Presidente da IGS Brasil de 2019 a 2022.

²Texto original em italiano traduzido por Maria Margarida Machado.

estabelecido. A luta sem limites entre os atores no campo para influenciar a opinião pública e determinar sua orientação constitui um dos desafios mais importantes da política atual. Gramsci tem o mérito histórico de ter sido um dos primeiros a esclarecer, com profundidade e continuidade, até que ponto as relações de força em uma sociedade moderna e desenvolvida são determinadas mais no nível hegemônico, o que Gramsci chama de aparatos privados da sociedade civil (intelectuais, grupos editoriais, fundações culturais, jornais, televisão, mídia de massa em geral), do que na dimensão tradicional da dominação direta do Estado, por meio do monopólio da força exercido pela lei, pelo exército e pelo judiciário.

Graças a esse crescente interesse internacional, a obra de Antonio Gramsci é hoje considerada de fundamental importância para campos científicos muito diversos, encontrando tradução (no sentido filosófico e não apenas linguístico) em realidades profundamente diferentes daquelas com as quais ele lidou prioritariamente. Nesse panorama, o Brasil é um dos laboratórios mais ativos e estimulantes, sobretudo porque seu pensamento é aqui reelaborado e atualizado de forma original, à luz das peculiaridades culturais e sociais do país. Em uma realidade como a brasileira, historicamente marcada por formas atípicas de modernização de cima para baixo, com recorrentes suspensões das liberdades constitucionais e golpes de Estado autoritários, algumas categorias gramscianas encontraram aplicações analíticas e políticas surpreendentes. Uma reapropriação criativa do legado gramsciano, que funciona tanto para a releitura da complexa história colonial desse país, quanto para a compreensão das grandes contradições que ainda marcam sua vida política hoje. Partindo de tal realidade, graças às valiosas contribuições dos prestigiosos colaboradores internacionais desta edição, "PHP" oferece aos acadêmicos brasileiros uma visão geral de algumas realidades, particularmente interessantes, para os estudos gramscianos internacionais.

No primeiro deles, o presidente mundial da IGS/Itália, Guido Liguori, nos fornece um relato útil e estimulante das origens, do nascimento e dos primeiros anos de uma organização cuja história está intimamente ligada à crescente expansão mundial de Gramsci, nos anos em que seu legado teórico "começou a ultrapassar o círculo de intelectuais e militantes comunistas em alguns países, especialmente na Europa".

É também interessante a visão geral da disseminação de Gramsci na área cultural de língua alemã. Em particular, em sua rica intervenção, Ingo Pohn-Lauggas, professor de Estudos Literários e Culturais no Departamento de Estudos Românicos da Universidade de Viena, nos oferece uma visão geral dos usos, mais ou menos conscientes, das categorias de Gramsci no mundo cultural, político e científico alemão. Uma resenha na qual, depois de retrazar o processo de tradução e publicação das obras de Gramsci em alemão, o autor se detém, com particular atenção, nos aprofundamentos dedicados ao intelectual sardo nos campos científicos, que parecem mais relevantes e significativos, a saber, ciências políticas e sociais, pedagogia, estudos culturais e pós-coloniais.

Na contribuição que se segue, Patrizia Manduchi e Alessandra Marchi, importantes estudiosas da história dos países islâmicos, envolvidas há anos nas interessantíssimas atividades do Laboratório de Estudos Internacionais Gramsci da Universidade de Cagliari (Gramsci Lab), reconstroem as etapas e os desenvolvimentos de um processo que, ao longo dos anos, possibilitou a penetração do pensamento do autor dos Cadernos do Cárcere no mundo árabe. Realidades nas quais o tema da tradutibilidade filosófica assume um indubitável interesse político, devido à incidência de contradições, conflitos e processos revolucionários desencadeados pela dialética entre o legado colonial e o presente desses países e as lutas dos povos dessa parte do mundo, pela emancipação dos paradigmas da civilização ocidental, impostos à força ao longo dos séculos.

Joan Tafalla, Presidente da Associação Catalã de Estudos Gramscianos e Professor de Disciplinas Históricas da Universidade Autônoma de Barcelona, em sua contribuição nos fala sobre os estudos gramscianos catalães, à luz do conceito de revolução passiva, traduzindo (em sentido filosófico) o arsenal categorial de Gramsci, dentro do processo de construção do Estado-nação nos territórios incluídos no Reino Bourbon da Espanha. Por sua vez, Rita Ciotta Neves, professora de Ciências da Comunicação da Universidade Lusófona de Lisboa, introduz-nos no universo dos estudos gramscianos portugueses, mostrando-nos as razões históricas, culturais e políticas da limitada difusão do pensamento gramsciano em Portugal.

Finalmente, no artigo intitulado *Gramsci e l'educazione; per una pedagogia umanistica nel nostro tempo*, Claudia Secci, professora de Ciências Históricas,

Filosóficas e Pedagógicas da Universidade de Cagliari, reconstrói as etapas do processo de formulação dos temas pedagógicos de Gramsci nos Cadernos do Cárcere, situando os escritos de Gramsci em relação às perspectivas humanistas e emancipatórias do mundo atual, no qual os temas educacionais e formativos do pensamento crítico se chocam com novas contradições e com modos de dominação sem precedentes, caracterizados por formas cada vez mais sofisticadas e tecnicamente avançadas de arregimentação molecular das amplas massas populares.

Concluindo essa breve apresentação, avaliando em termos gerais a natureza magmática dos estudos internacionais, dedicados ao intelectual sardo, e a pluralidade de suas direções de pesquisa, a partir da rica experiência brasileira, podemos chegar a uma conclusão, tanto política, quanto metodológica, sobre as implicações analíticas e programáticas dos estudos gramscianos.

De fato, a investigação da obra de Gramsci deve surgir da constante interação entre filologia e tradução filosófica, pois os dois termos, mutuamente funcionais, são imanescentes à concepção de mundo do intelectual sardo. Sem o rigor filológico da investigação científica, é impossível traduzir Gramsci de forma coerente, a fim de tornar suas concepções adequadas à interpretação e à transformação do mundo atual. Sem a ambição de traduzir a filosofia em práxis por meio da mudança política da mera interpretação para a transformação do mundo, Gramsci seria privado de sua principal contribuição ao pensamento crítico mundial, monumentalizando sua obra como se fosse um clássico que pouco ou nada tem a dizer sobre a realidade atual.

Retirar Gramsci do terreno da luta política contemporânea, transformando seu legado em uma memória literária do passado, reservando suas categorias para a exegese de um clero de especialistas, significaria, depois das prisões fascistas, condená-lo a uma nova prisão, a do academicismo estéril e autocontemplativo.